

Encontros amorosos: amor, paixão e desejo na cultura moderna

Gisela Haddad*

*O mais singular livro dos livros
É o Livro do Amor;
Li-o com toda a atenção:
Poucas folhas de alegrias,
De dores cadernos inteiros ...
O insolúvel, quem o resolve?
Os amantes que tornam a encontrar-se.*

Livro de leitura, Goethe

Utilizada originalmente pelas ciências naturais para designar a atração entre dois elementos químicos diferentes, mas afins, a expressão *afinidades eletivas* foi o título escolhido por Goethe para coroar seu romance de 1809 – escrito quando já era um sexagenário –, quicá para tentar compreender por qual imperioso impulso dois seres buscavam-se um ao outro, atraem-se, ligam-se e a seguir ressurgem dessa união íntima em uma forma renovada e imprevista.

Goethe é considerado um ícone do Romantismo, movimento que trazia como novidade o acolhimento das contradições e antíteses, e o fato de que nossas vidas não seriam ditadas somente pela razão, mas também pelo nosso estado d'alma. Na Alemanha em especial ganhava força uma vertente denominada *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), que rompia violentamente com conceitos e esquemas que regulavam as relações individuais e sociais, políticas e morais, e repercutia profundamente na arte e na literatura ao proclamar a liberdade absoluta do artista.

Nessa Europa da era burguesa, final do século XVIII e início do século XIX, vivia-se um momento cultural turbulento, pleno de debates sobre as paixões terrenas (amor erótico) e elevadas (amor sublime). Juntamente com os valores modernos pós-Revolução Francesa, que pretendiam transpor as barreiras das diferenças de direitos entre homens e mulheres, das diferenças culturais, de raça e de religião, e dos preconceitos sociais, o mito do amor romântico prometia atender às demandas de prazer e de felicidade humanas ao acenar com a possibilidade da junção

* Psicanalista, mestre em Psicologia Clínica e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É autora dos livros *Amor e fidelidade* (Casa do Psicólogo, 2009) e *Amor* (Duetto, 2010).

casamento-amor-sexo e apostar que em algum lugar do futuro cada um viveria sua história de amor com alguém especial. Ao realizar uma síntese das paixões sexuais e amorosas e oferecer uma medida mista de enaltecimento do sentimento (amor) levado às alturas com a melhor das emoções (sexo) no casamento, esse *amor verdadeiro* passa a ser um destino pessoal almejado por homens e mulheres, que podem escolher seus parceiros por amor e construir roteiros, sensibilidades e aspirações amorosas inéditos. Surge um imaginário sociocultural diferenciado, uma dimensão humana de interioridade e uma subjetividade amorosa que tanto na sua dimensão trágica (impossibilidade) como dramática (ambivalência) toma um espaço central na vida dos dois sexos. O estilo romântico da literatura oitocentista privilegia de forma inaugural esses anseios amorosos, inspirando uma nova maneira de existir humana, voltada para o conhecimento de si. As histórias de amor alimentam-se e são alimentadas em um circuito permanente por um repertório sempre renovável distribuído entre os romances. Verdadeiras ou fictícias, tais histórias fascinam todos e se perpetuam ao serem lidas e relidas, lembradas ou citadas.

Em *Afinidades eletivas*, Goethe, no entanto, expunha a contingência e a ambiguidade da moderna sina humana amor-desejo, responsável pelo pêndulo entre o imperativo de nossa natureza, que solicita e deseja, o imperativo moral, que tanto pode nos constranger como nos dignificar, e nossa ânsia de reconhecimento amoroso. Nesse terreno arenoso, a razão sucumbia, como viria a constatar Freud, aos desígnios mais crus de nossas tendências pulsionais. Por questionar repetidamente a tão esperada fidelidade, o idealizado casamento e o significado do amor, as paixões inesperadas desconstruíam as expectativas de uma vida amorosa tranquila e pacífica e revelavam a complexidade de nossos desejos.

Parte integrante desse mito amoroso, a sexualidade humana, por seu caráter disruptivo, havia se mantido durante grande parte da história ocidental como uma dimensão da vida que deveria ser acobertada, tendo como aval a ideologia judaico-cristã, que condenava a carne e silenciava suas paixões em proveito das coisas do espírito. Se a cultura de então incentivava certas condutas para o convívio amoroso entre os sujeitos, as paixões despertadas pelo desejo rompiam com a moral da época de Goethe e tornavam trágica a busca pela realização amorosa romântica, que não podia suportar a invasão das forças da *natureza* responsáveis pela atração irrefreável entre as pessoas.

Na medida em que o tema da sexualidade se impunha, interferindo nos modos como os indivíduos davam sentido e valor às suas condutas, aos seus deveres, prazeres e sentimentos, a moral sexual burguesa tentava abater a importância da ligação do sexo com o prazer. Os casamentos de então pretendiam civilizar as relações sexuais, restringindo-as à sua vigência e impondo limites à vida sexual de homens e mulheres (principalmente destas). Sabemos quão o *ethos* freudiano irá revelar o avesso da moral burguesa. Por ser via de acesso à vida do corpo e da espécie, o sexo adquiriria um lugar de destaque nos discursos médicos, políticos, jurídicos, religiosos e psicológicos, no intuito não só de focalizar a saúde dos indivíduos, mas de criar dispositivos e normas para o prazer sexual. Parte da literatura da época se ocupava em revelar tais disparidades através de narrativas que ora condenavam a sexualidade ao vício e à insanidade, ora exaltavam suas possibilidades de êxtases prazerosos. As histórias amorosas mantinham seu papel de fornecer pistas sobre o percurso do amor na cultura e as idiosincrasias da complexa ligação amor-sexo.

Grande parte da inquietação em torno da sexualidade dirigia-se às matizes do erotismo feminino que habitavam o imaginário masculino, considerado transbordante, excessivo e incontável. Se a literatura (quase que exclusivamente escrita por homens) denunciava esse misto de fascínio e medo, os discursos sociais se apressavam em adestrar o corpo e a sexualidade da mulher à procriação e ao casamento; qualquer desejo ou comportamento sexual que extravasasse esses limites era tratado como excesso, degeneração ou patologia. O amor romântico, embora acenasse com uma solução de controle da sexualidade feminina por meio do casamento, incitava a junção de duas figuras míticas, a santa e a prostituta, divisão que a cultura se ocupava em caucionar, diante da dificuldade masculina de enfrentar a figura da mulher-mãe assexuada (protótipo do primeiro amor de todos) e a figura da mulher sensual. Sexo e amor confirmavam sua difícil convivência pelo fascínio-medo da mulher sensual e da mãe cuidadora, cuja junção seria inadmissível em tal contexto histórico. Pode-se entender por que havia grande tolerância social aos homens infieis, que, de certa forma, possibilitava a eles resguardar-se dessa atração proibida e inconsciente, vivendo o sexo de um lado e o amor de outro. Essa prática serviu para que a infidelidade masculina pudesse ser naturalizada e o adultério feminino, condenado (chegando a ser considerado crime até algumas décadas atrás). Ao contrário do par de modelos

opostos, a mulher sensual malvista ou a maternal bem-aceita, aos homens a cultura reservava uma moral mais branda. Ainda assim, como revelava Goethe, as paixões inesperadas podiam surpreender todos.

A ânsia pelo momento de êxtase máximo do ser humano – em que duas pessoas seriam bastante uma para a outra, não necessitando de mais nada no mundo, em uma espécie de consumação máxima da realização dos desejos – desencadeou um debate questionador sobre as maneiras de amar, as transformações do erotismo, as práticas sexuais e as restrições impostas aos sexos. A psicanálise inaugurou uma forma de decifração desse tumulto interior, percorreu seus caminhos e, por meio de uma análise especial de suas mazelas, lançou novas questões, procurando elucidá-las. Para isso, empreendeu um projeto de conhecimento da sexualidade humana desenhada pelo inconsciente, sublinhou o papel do recalçamento, o lugar de fantasia do “sexual” e revelou um sujeito ao mesmo tempo livre e coagido por ela. Nesse último século foram principalmente as mudanças em torno da sexualidade que se impuseram e afirmaram de forma inédita o direito de cada um ao prazer sexual. Essas mudanças interferiram sobremaneira na paisagem social e admitiram uma nova ética da sexualidade. Amor e sexo estão separados, ainda que possam compor várias melodias. O enigmático se deslocou de nossa sexualidade para nossos desejos. O *ficar*, prática que se consolidou entre os adolescentes e que hoje permeia as relações de todas as idades, abriu um espaço inusitado para relacionamentos passageiros, fortuitos, que não visam a compromissos futuros e em que predomina a sensorialidade. Nem por isso deixou de existir o espaço privilegiado das relações amorosas que buscam um envolvimento mais efetivo entre os pares e por isso preveem uma confluência de interesses e desejos continuamente negociados. Apostando ainda em sua durabilidade, essas relações incluem a possibilidade de ruptura, caso haja a finitude de interesse de uma ou de ambas as partes ou quando os pactos que as asseguravam se desfazem. O casamento deixou de ser instituição tornando-se apenas formalidade, um modo de administrar as expectativas de laços conjugais mais duráveis. Os novos parceiros se formam em regime de simetria e, como cada um é o único legislador de sua relação amorosa, precisa negociar constantemente com o par, investindo nele, se o objetivo de ambos for prolongar o relacionamento.

Na época de Goethe, a tarefa de encontrar uma acomodação feliz entre as reivindicações individuais e culturais indicava

a necessidade de internalizar a repressão social dos sentimentos destrutivos e dos desejos sexuais temidos, que deveriam se transformar em uma consciência moral vinculada à culpa. Hoje a pluralidade dos códigos de convivência nos coloca em contínuos conflitos a serem administrados para que possamos validar a diversidade de nossas opções. Mantém-se a procura por realizações sentimentais e satisfações sensoriais, mas a liberdade sexual de que hoje se usufrui, impensável mesmo três ou quatro décadas atrás, incentiva a busca e não condena mais o prazer físico. Estamos, desse ponto de vista, mais livres para decidir sobre o que fazer (e como fazer) com os nossos corpos, sensual e eroticamente emancipados.

O remanejamento dos antigos códigos de convivência amorosa também assegurou liberdade maior a cada indivíduo, que hoje pode escolher, entre um leque amplo de opções, aquilo que mais se afina com seus gostos ou estilo de viver – mas não tem sido fácil para a grande maioria fazer o luto do ideal de amor romântico, habitante velado ou declarado do íntimo de cada um. Talvez porque as dores provocadas pela luta entre a manutenção desse anseio romântico e todos os sentimentos que o acompanham – como o medo da perda, do abandono ou da traição – sejam reminiscências do romance infantil vivido em seu seio familiar. A psicanálise, que no último século ajudou a desvendar esse modelo de contexto familiar e a complexidade das subjetividades de seus membros, revelou não só os bastidores conflituosos das relações entre mãe, pai, filhos e filhas, mas o lugar privilegiado das funções (amorosas) parentais na constituição do psiquismo humano. O amor incondicional imaginado durante os cuidados e acolhimento dos primeiros anos de vida transformaria cada um em *Narciso* e marcaria um destino de busca para ser amado e admirado. Recuperar essa imagem de centro do mundo e de todas as atenções confunde-se com a promessa do romantismo amoroso, que assim parece legitimar a expectativa de satisfação sexual e sentimental e a busca de um(a) parceiro(a) que devolva esse olhar que se espera poder amparar e confortar. Vivemos em um circuito amoroso que se repete indefinidamente. O amor que esperamos ter recebido de nossos pais na infância moldará aquele que nutrimos por nós mesmos. Este, por sua vez, fará com que busquemos, no outro que iremos eleger, o mesmo reconhecimento e valor do amor. Espera-se que possamos encontrar maneiras de nos amar mesmo quando não fomos tão amados quanto gostaríamos, e quem sabe buscar, por meio de nossas escolhas, o amor que queríamos ter recebido.

Não por acaso são inúmeras as produções culturais que alimentam a ideia de que a vida não tem sentido se não encontrarmos nosso par amoroso, o que torna as escolhas amorosas o centro nervoso da relação que temos com nossos eleitos. De certa maneira, repetimos indefinidamente essa busca e tentamos responder aos enigmas das *afinidades eletivas*. Como nos apaixonamos? O que faz com que nos sintamos atraídos amorosa e sexualmente por alguém? Por que experimentamos uma aceleração de nossos batimentos cardíacos, um suor frio, às vezes um rubor ou uma inesperada inibição diante de alguém?

Na visão psicanalítica, estamos sempre buscando as condições infantis de amar, tentando reconhecer no outro os traços de nossas relações com nossos pais, seguindo nossos registros inconscientes de prazer. Escolhemos nossos parceiros em função das experiências de vida, marcas de prazer e de desprazer, modos de sentir o outro ou de interpretar a busca de satisfação. A biografia amorosa contém a memória do corpo erotizado, assim como as maneiras singulares de desejar reconhecimento e amor do outro. Pode ser um traço particular – ou um conjunto deles – que para cada um terá uma função determinante nessa escolha. Algo próprio, que se relacione com sua história singular e íntima, sempre atravessada por fantasias e pelos ideais que o eleito representa como veículo de satisfação.

Em geral, quando o amor bate à porta sem avisar, e a sua presença se impõe prescindindo de definições ou apresentações prévias, estamos diante da paixão. Considerada o auge do sentimento de amor, a fronteira entre nós e o outro ameaça desaparecer e, contra todas as provas de nossos sentidos, declaramos que somos praticamente um só, fazendo disso um fato. A experiência da paixão é a de um amor ideal: pomos o eleito no lugar do nosso próprio eu idealizado e não podemos mais distingui-lo de nós mesmos. Apagam-se as diferenças e tem-se a sensação de nada faltar, uma captura narcísica inconsciente em que vemos no outro o que somos, o que fomos ou o que gostaríamos de ser ou possuir. Não só temos a convicção de que o outro pode sanar a nossa falta, como também a de que nós temos aquilo que lhe falta. Imaginamo-nos capazes de oferecer-lhe todo o prazer sem jamais sermos fonte de sofrimento. Um é necessário e vital para a sobrevivência do outro, não havendo possibilidade de pensar ou desejar algo que não lhe seja voltado; as divergências são ameaçadoras e a exigência de exclusividade é exorbitante. Vivemos tal e qual uma relação aditiva e alienada. O amor-paixão busca essa complementaridade; amamos para ser amados.

No entanto, nossas parcerias românticas, construídas na promessa da incondicionalidade, exclusividade e felicidade, não possuem garantias. Quando amamos, ficamos desprotegidos contra o sofrimento, mais à mercê do outro e expostos a dores extremas se rejeitados, traídos ou abandonados. Território limite entre nós e o outro, a experiência amorosa é fonte dos conflitos mais humanos, que gravitam entre o amor e o ódio, o domínio e a subjugação, o desejo e a indiferença, a rivalidade e a generosidade. Na medida em que se ama, é impossível não correr os riscos da perda e seus desdobramentos de sofrimento.

As mudanças na cultura atual em torno de uma sexualidade mais livre não nos isentam das dores do amor, ao contrário, apenas nos fazem construir novas defesas contra elas. Transgressiva, ela mantém seus traços infantis de *perversa*, por explorar, exagerar e exceder os diferentes modos de satisfação, e *polimorfa*, por admitir muitas formas, plásticas e mutáveis. Cada par tenta fazer acordos que possam regular o prazer, o gozo e o sofrimento que suas relações amorosas e sexuais demandam, tendo como pano de fundo o anseio de que o eleito possa significar o fim dessa busca incessante e o conforto do amor incondicional. A despeito dessa aposta, as infidelidades rondam as dissoluções e questionam repetidamente a contabilidade conjugal. Na exclusividade pretendida por ambos os parceiros, e caucionada pelo imaginário cultural, ressoa a imposição infantil poderosa à qual a maioria dos sujeitos resiste a renunciar, independentemente de sexos ou gêneros. Nada é mais gratificante que a ilusão de possuir a fonte do amor incondicional; nada é mais terrível que perdê-la.

Sabemos que, no terreno do amor e do sexo, não há como expurgar a contingência, a ambiguidade e a dúvida. Resta-nos construir caminhos em que o jogo narcísico que nos constitui e reúne, também possa inventar uma ética amorosa para nossas condutas. Pode-se dizer que as *afinidades eletivas*, nesses dois séculos que nos separam de Goethe, mantêm esse dilema entre nosso ideal subjetivo e os ideais sociais, mas nossas dores e temores estão mais ligados à confiança que conseguimos ou não obter sobre nossas potencialidades.

Ao que parece, as inúmeras opções que nosso mundo contemporâneo produz no intuito de nos oferecer felicidade continuam ganhando mais sentido se vividas junto a um parceiro amoroso. O amor mostra como precisamos desse lugar, ainda que imaginário, em que solicitamos do outro que nos responda sobre nossa importância. Mais que tudo, almejamos ser especiais.

■

- REFERÊNCIAS
- Aulagnier, P. (1991). Observações sobre a feminidade e suas transformações. In J. Clavreul (Org.), *O desejo e a perversão*. Campinas, SP: Papirus.
- Aulagnier, P. (1985). *Os destinos do prazer*. Rio de Janeiro: Imago.
- Calligaris, C. (2008). *Quinta-coluna*. São Paulo: Publifolha.
- Calligaris, C. (2004). *Terra de ninguém*. São Paulo: Publifolha.
- Calligaris, C. (1996). *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade II – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1996a). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996c). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996d). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996e). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Gay, P. (2000). *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gay, P. (1999). *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Goethe, J. W. (1992). *Afinidades eletivas*. São Paulo: Nova Alexandria. (Coleção Grandes Clássicos).
- Haddad, G. (2010). *Amor*. São Paulo: Duetto.

- Haddad, G. (2009). *Amor e fidelidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Monzani, L. R. (1995). *Desejo e prazer na idade moderna*. Campinas, SP: Unicamp.
- Nunes, S. A. (2000). *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Roudinesco, E. (2002). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Encontros amorosos: amor, paixão e desejo na cultura moderna

O texto tenta refletir sobre as implicações das mudanças nas questões que giram em torno do amor e do sexo na constituição das uniões amorosas. Resgata de forma resumida as coordenadas históricas e culturais que organizaram a vida amorosa desde a modernidade e sua articulação com os mecanismos de construção de uma particular subjetividade. A literatura romântica oferece um retrato tanto da exaltação do amor e dos destinos trágicos das paixões como do debate inédito sobre o sexual humano, além de promover a construção de cenários de encontros, desencontros e experiências amorosas cujas sensações especiais e dores pungentes passam a colorir as fantasias humanas. | *Romantic encounters: love, passion and desire in the modern culture* The text tries to reflect upon the implications of the changes that happened to love and sex in the establishment of the relationships. It rescues in a short way the historical and cultural coordination that have organized humans love life since modernity and its articulation with the mechanisms that build up a specific subjective character. The romantic literature is presented as a portrait of the exaltation of love and passion tragic destinies, as well as an uncommon debate about human sexuality, besides promoting the construction of successful and not successful encounters scenes, and love experiences which present special sensations and pains that tend to colour human fantasies.

RESUMO | SUMMARY

Amor. Sexualidade. Psicanálise. Modernidade. | *Love. Sexuality. Psychoanalysis. Modernity.*

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

GISELA HADDAD

Rua Honduras, 365
01428-000 – São Paulo – SP
tel.: 11 3887-3557
gishaddad@yahoo.com

RECEBIDO 18.04.2011
ACEITO 04.05.2011